

Conversas com Susana Antonovna - parte 4

O senhor José Marcondes gostava de ir a um brechô na rodovia prôxima da cidade, em Wisconsin. É tão comum usar desse nome, brechô, que não me aventuro a checâlo no dicionârio, embora talvez o faça antes de terminar esta sentença. Brechô como lugar de comprar roupa, era termo tão estranho ao senhor Marcondes que figuraria fora do dicionârio, e da língua das gentes. Mas se lhe referissem o brechô dos livros usados, ele perguntava, "mas sim, como não havia de conhecer o brechô de São Francisco de Paula, na rodovia da cidade!". Assim era seu temperamento, ou loucura, que lhe tirava da convivência dos homens para a convivência dos livros, ou ao menos para procurar nos livros os homens e a vida que pareciam ausentes câ fora. Sempre procuram um algo mais que não estâlâ, esses intelectuais, e quando avistam uma personagem de carne e osso, porventura de feições zangadas e nota promissôria na mão, jâ não sabem que façam. Mas este rapaz não assinara nota promissôria, e tinha seu tanto de fortuna, quando menos de situação, para continuar a fugir da realidade correndo a ela, ao cabo encontrando-a de um modo que não ocorre muita vez a quem chamam average individual. Como é doce ter uma situação, mesmo sem carro, caminhar pela rodovia para o brechô à cata de livros! Era nessa maravilha que pensava o prôprio rapaz uma vez, enquanto lâia pela rodovia. Imagina, se podes, fachadas cobertas de neve, esquadrias de vidraça escurecida dos estabelecimentos, alguns trechos à margem descendo íngremes e permitindo a visão limpa de encostas menos densas de pinheiros que noutros cantos da cidade. Sobre a margem do asfalto ia lâele, e eu não hei de negar que lia o Elogio da Loucura, enquanto caminhava. Uma sombra dele se aproximou, enquanto caminhava. O Sr. Marcondes não cuidou que fosse ninguém, a princípio, e de fato não era ninguém. Foi quando essa mesma sombra principiou a sorrir que o rapaz, vendo e não vendo nada, a estranhou e sentiu-se confuso. A sombra era o diabo. Outrem o retratou, como faço agora, inclusive na obra Sob o Sol de Sã, que não li, mas muito me agradou o filme, o qual aliâs se saiu bem em Cannes, e se sairia também no Oscar se não fosse tão europeu. Mas que digo? Eu não entendo de filmes! Vê-se, jâ, que até o autor destas aventuras não é infenso à influência do orgulhoso rebelde expulso do céu, que se diz quer tornar todos orgulhosos e aversos à humildade. Que o diabo apareça numa histôria não é de se estranhar, mas a vida real é outra histôria, segundo pensou o prôprio Sr. Marcondes. A sombra não disse nada, sô se ficou quieta, enquanto o Sr. Marcondes retomava a caminhada, o que vale dizer que talvez seja essa uma de suas ocupações junto aos homens. Um pensamento estranho, tenebroso, e que parece insinuar malícia diabôlica, e tal perplexidade que não se a fixa na mente assim fâcil, fâcil, como era fâcil ao Sr. Marcondes permanecer na leitura do Erasmo enquanto a serpente lhe seguia por detrâs. Por fim, a prôpria serpente, tão casualmente quanto eu falo a ti, leitor, principiou a falar a ele, enquanto permaneciam a caminhar: - Um ateu diria que presencias uma alucinação e podes estar endoidando. Um espírita diria que vês o espírito de um antepassado. O protestante dirâ qualquer coisa, conforme a impressão do momento. Tu mesmo duvidarâs mil vezes da verdade diante de ti, porque é prôprio dos homens evitâ-la, negâ-la e aviltâ-la com tanta paixão e ira quanto disponham, mas esta mesma não é muita. Vôs sois fracos e inconstantes até no mal, e por isso sois tão maus. O mundo é incompreensível a qualquer um de vôs, e as vossas teorias não servem senão para alimentar a vossa nojenta aversão à verdade. O Sr. Marcondes permaneceu atento a ver onde ia parar tal discurso: - Vamos, senhor! Estâs impressionado com os meus crimes? -- o Sr. Marcondes sequer pensara nisso, mas tal pergunta a este chamou atenção -- Eu sou um servo de Deus, como toda criatura, e o mais feio dos acontecimentos não é tanto minha culpa quanto d'Ele. A hipocrisia catôlica, que afirma ser tudo possível a Ele, lhe negou no entanto a possibilidade de isentar os homens do sofrimento, como poderia ser feito, e qualquer argumento contrârio é puramente humano e insignificante. Eu jâ sei, eu interrompo a tua leitura e os teus afazeres. É que eu venho oferecer algumas graças a ti. - Queres me oferecer graças? -- Perguntou o Sr. Marcondes. - Como não? Tudo quanto mais prezas, dinheiro e mulheres. -- Respondeu a sombra, ao que o Sr. Marcondes olhou-o impressionado, porque tinha séria dúvida se alguma vez dera importância a uma ou outra coisa. -- Não tens gosto por dinheiro e mulheres? -- o Sr. Marcondes, ao ouvi-lo, principiou a ficar enojado -- Te darei essas coisas assim mesmo, e outras. Basta que te ajoelhes e me adores. Dize que me adoras uma vez apenas, e serâ bastante, depois hâs de te arrepender e ser salvo. Vamos, vamos, senhor! Não suportas uma pequena conversa familiar? Por acaso acreditas na Igreja Catôlica? Não hâ ninguém mais que o faça, nem mesmo quem a conheça profundamente, e por isso as verdades reveladas por Deus são tratadas com escânio em toda parte, e toda memôria de um mundo orientado por elas desaparece como uma sombra, um sonho tenebroso. Eu digo-te: não é capaz de suportar ou mesmo conceber toda sorte de misérias e torturas que hão de padecer os homens apegados ao catolicismo -- neste ponto o Sr. Marcondes ouviu-o com desconfiança e bastante perplexo, porque a sombra parecia lisonjear de algum modo o catolicismo -- ah, não poderâs suportar jamais o que hâ de desabar sobre os homens catôlicos. - Tu bem sabes, segundo imagino, que eu pessoalmente tenho menos apego aos homens catôlicos que à doutrina, e que raramente visito os sacramentos. Por que então, dizes isso? Eu não me identifico a nenhum grupo, e desprezo os catôlicos, sendo esse um dos meus pecados. Queres me irritar, me impondo um discurso que destoa do interlocutor, confunde e amontoa níveis diferentes de sentido? -- Disse o Sr. Marcondes. - Meu amigo -- tornou a sombra -- eu vejo que jâ não raciocinas corretamente, a experiência te abobou um pouco. - O que queres? - Que desistas da fé. Jâ não tens a Igreja, porque

aquela indecência mórbita, vista sob as alturas do cristianismo. Tudo o católico aproveita, de quem quer que seja, mesmo as rosas espinhosas dos pagãos. O católico é compreensivo, pelo menos deveria ser; ele só julga o que conhece. - Nesse caso houve qualquer conflito entre os humanistas e a igreja. -- Observou Susana. - De algum modo houve duas renascenças, uma cristã, outra pagã. Se Boccaccio parece pagão, esse doutor da época, outros, como um certo Antonio Beccadelli, ou um Lorenzo Valla, eram pagãos. - Mas o que quer dizer chamá-los assim? -- Perguntou Susana. - É que Valla, por exemplo, dava uma importância grande à satisfação dos apetites carnis, e chamava às mais descaradas baixezas conformidades com a natureza; por outro lado Beccadelli acusou o papa à época de ser o culpado de todos os problemas da região italiana. - Os escritores pagãos eram tão baixos assim, que incitavam esse tipo de pensamento? -- Perguntou Susana. - Nem tanto, ou ao menos problemáticamente. -- Respondeu o Sr. Marcondes. -- Por exemplo, um certo Cino da Rinuccini, que era versado nas letras clássicas, discutiu durante a Renascença que os pagãos enunciaram muitas sentenças conformes à temperança e aversas às paixões desordenadas. - Mesmo assim os pagãos não conheceram a salvação cristã, conforme crê-se? -- Perguntou Susana Antonovna. - A crença e a profissão de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, são necessárias à salvação e nenhum salvo pode fazê-lo. Além disso essa salvação foi dirigida a todos os homens, de todas as épocas. - Me fale mais a respeito -- pediu Susana Antonovna -- como possível a alguém que nunca ouviu falar de catolicismo, ter sido salvo, ter sido dirigida a si a salvação de que falas? - Há muito tempo atrás -- respondeu o Sr. Marcondes -- um homem chamado Abraão recebeu de Deus uma promessa: "Juro por mim mesmo, diz o Senhor: pois que fizeste isto, e não me recusaste teu filho único, eu te abençoarei. Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu, e como a areia na praia do mar. Ela possuirá a porta dos teus inimigos, e todas as nações da terra na tua posteridade serão abençoadas, porque obedeceste a minha voz". - É essa a resposta? -- Perguntou Susana Antonovna. - É essa a resposta. Jesus, que descende de Abraão, é luz, e liberdade e salvação aos homens todos de todas as épocas. - Nenhum homem será condenado ao inferno, portanto? - É claro que muitos serão condenados. O importante é que Jesus libertou os homens, não de uma escravidão especificamente política e temporal; Ele libertou os homens do pecado e do demônio; Ele reconciliou homens e Deus. -- Disse o Sr. Marcondes. - Falas com fervor, mas jamais viste esse Jesus. - Eu quisera tê-lo feito. Ele foi o ungido que Deus prometeu desde muito. - Ungido? -- Indagou Susana. - Na tradição judaica os reis eram ungidos com óleo, como sinal do seu ofício. O mesmo acontecia com os sacerdotes, da tribo de Levi, uma das doze tribos dos judeus. Sucede que também os profetas eram ungidos. - E daí? Em que isso importa? -- Perguntou Susana. - Por coincidência Jesus é rei, porque soberano de toda humanidade; Ele é sacerdote, porque intercede pelo povo junto a Deus; por fim Ele é profeta. - Profeta... - Porque age sob inspiração divina para se dirigir aos homens, ou algo assim. Eu próprio não estou inteirado. - Ele então -- retomou a linha Susana -- era rei, sacerdote e profeta? - Não apenas isso, mas ele era o profeta dos profetas. Todos os profetas foram discípulos de Jesus, e tiveram como principal encargo o anunciar como salvador. - Eu não acredito que Ele seja Deus, José. -- Declarou Susana. - Isso não me surpreende em nada, muitos outros também não. Se acreditasses eu estaria mesmo chocado, crendo-te uma assombração, ou o diabo disfarçado. - Queres que eu me compadeça do teu isolamento espiritual e me converta, por isso? - Não há de que se compadecer. É por ti que me preocupo, não por mim. Eu confesso que já estou muito cheio de ressentimento para acreditar na minha salvação. Mas tu, Susana, tu podes te salvar, com facilidade. Tens um coração manso, que se dobraria mais facilmente à caridade que muitos outros. Basta ter a fé, que eu tenho e te falta, para te assegurares da salvação. - Eu pensei que vivesses seguro do teu banquete sem fim. -- Declarou Susana. - Eu estou seguro apenas, no momento, de que não controlo as minhas violentas paixões suscitadas pelo orgulho, como o desejo de ver a condenação eterna dos que não creem no catolicismo. - Tu o desejas? - Sim, em muitas ocasiões. Se diz que Jesus reinará na casa de Jacó, isto é, entre a posteridade de Abraão, e de Jacó, e o seu reino terá fim. Eu não estarei lá, e não vencer o meu ressentimento, mas tu talvez te salves... -- Disse o Sr. Marcondes, interrompendo-se. O motivo, ser preciso trocá-lo em mim? Existe uma coisa chamada retórica, e outra que ele fazia. Uma podia ser de utilidade, a outra nem muito, nem pouco. - Jesus é rei, sacerdote e profeta, tu dizias. -- Disse Susana Antonovna. - A plenitude do Espírito Santo e uma efusão copiosa de graças estavam em Jesus e não poderiam estar semelhantemente em nenhuma criatura. - Ele então devia ser mais eloquente que os retóricos pagãos que encantaram os doutores da Igreja. -- Observou Susana Antonovna. - Eu nunca olhei por esse lado, Susana. Não sei bem o que pensar a respeito. - O que faz esse Jesus hoje, o que o teu senhor se dedica a fazer? - Ele protege a Igreja, governa os homens. O bom e o mau estão contidos dentro do limite do seu reino, e portanto todos têm um direito relativamente ao reino, mas os bons que realmente são agraciados e mais que tudo experimentam a bondade de Jesus. Todo poder, dignidade e majestade possíveis a um homem foram dados a Jesus. Deus lhe deu o governo de todo o mundo, e sua autoridade será máxima e total no dia do juízo. - Ele é Deus, e ao mesmo tempo o governo do mundo lhe foi dado por Deus? -- Objetou Susana, como incentivando-o a elaborar mais nesse ponto. - Jesus é a segunda pessoa da Bem-aventurada Trindade, gerado pelo Pai desde sempre, e igual a Ele e ao Espírito Santo em todas as coisas. Não se deve sequer imaginar desigualdade entre as Pessoas Divinas, Susana. - Ele é filho em dois sentidos? - Exato, ele tem uma natividade dupla. A vida em que foi gerado desde a eternidade, pelo Pai.

E a geração pela qual assumiu a natureza humana, além da natureza divina que sempre possuiu. - Agora sou eu quem confesso nunca ter visto as coisas por esse lado -- Disse Susana. - Ele é um sôe; filho, porque as naturezas divina e humana se encontram em uma sôe; pessoa. -- Continuou o Sr. Marcondes. - Que mais? - Relativamente à sua geração divina (aquela desde a eternidade) Ele não tem irmãos ou co-herdeiros -- é Filho único. Entretanto... - Entretanto... -- Repetiu Susana em voz alta, como distraída. - Ele considera irmãos os que por fée; receberam Cristo (o salvador ungido), os que por obras de caridade aprovam a fée; que receberam e que creem internamente. Por isso Jesus é chamado, se me lembra, pelo apôstolo São Paulo "o primogênito entre muitos irmãos". Susana de algum modo sentiu-se assombrada com tais dizeres. Eram ordinârios, palavra que cabe melhor aos gatunos que rondam os cais do terceiro mundo que às verdades reveladas por Deus; eram ordinârios, repito, mas impressionantes quando discutidos detalhadamente... Na falta de uma palavra amiga o nobre fica vulgar, ao mesmo tempo o vulgar fica nobre. Os gatunos passam a se dar mais respeito, os barões se esgueiram pelas esquinas como procurados. Também hâe; os barões gatunos, mas têm um donaire que compensa o quão ordinârio sejam, e dâe;-nos mesmo uma satisfação quando nossa boa fée; lhes é de utilidade. Estes aliâs, são espécie em extinção; os gatunos que tu e eu conhecemos são pobres, pobríssimos, quase lhes faltam os centavos para o cafée;. - Dize-me mais -- pediu Susana. - Por causa das duas naturezas que tem, Jesus recebeu as propriedades de ambas. É todo-poderoso, eterno, infinito, porque é Deus; entretanto, foi possível a Ele morrer, sofrer e ressuscitar, como homem. Acresce a isso que ele seja senhor por uma propriedade de ambas as naturezas. Ele sofreu porque os homens podem sofrer. Ele é eterno, porque Deus o é. Ele é senhor, sendo isso possível a Deus e a um homem. - Eu creio que tal é bastante impressionante -- afirmou Susana. - É bem simples. O Filho é Senhor. O Pai é Senhor. Mas hâe; um sôe; Senhor. A qualidade de redentor, em Jesus, ademais, lhe permite ser duplamente chamado de senhor. - Por quê? -- Perguntou Susana. - Porque com a sua humilhação e morte, Deus Pai o exaltou acima de todos. Como diz o apôstolo São Paulo: "Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que estâe; acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no cée;u, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glâria de Deus Pai." - Que mais? - No evangelho de São Mateus estâe; escrito: "Todo poder me foi dado no cée;u e na terra". - Jesus diz isso? - Sim. Ele também é chamado Senhor porque em um sôe; pessoa ambas naturezas estão unidas... e por isso todas as criaturas a Ele estão sujeitas... Ele é senhor sobretudo daquelas almas que com fervor o obedecem. - Como é natural -- observou Susana. - Tudo quanto eu disse impressionou-te? -- Perguntou o Sr. Marcondes. - Sim -- respondeu Susana. - Impressionar-te-âs também com isto:diante das graçãas e privilégios da fée;, que os cristãos devem a Cristo, é obrigação deles serem-lhe completamente devotados, e para sempre, como a redentor e Senhor. Susana sorriu, enquanto lhe deixava diante de casa. O Sr. Marcondes lembrou que devia fingir haver torcido o tornozelo. Uma pessoa calculista, sem dúvida, ele era. Não de todo, pois nesse mundo imprevisível quem calcula o que seja?

Sobre o Autor

Pedro de Lima é escritor e estudioso independente.

Source: <http://www.artigopt.com>